

#6

Diaries Diários

JIÔN KIIM

PSIAX

JIÔN KIIM

Nasceu em Busan, Coreia. Vive e trabalha no Porto desde 2017. Estudou Artes Visuais na HfBK (Dresden) e Design Industrial pela Hongik University (Seul). A sua prática é transdisciplinar e engloba vários meios, com o desenho em destaque, incluindo também instalação, vídeo, fotografia e performance. Na sua obra, procura habitar o interstício entre a linguagem e o inefável, entre a imagem e o “irrepresentável” que define o espaço do gesto artístico e da sua forma. O seu trabalho está presente na Coleção Municipal de Arte do Porto e foi apresentado em contextos como On The Surface: photography conference, MAAT (Lisboa); Bienal Ci.CLO 19; Anuário'20, Galeria Municipal do Porto e Sede; Galeria Dentro; Galeria de Clube de Desenho; e O Instituto (Porto); Revista Dose; Centro de Memória (Vila do Conde); Salon Sophie Charlotte (Berlim); GnRation (Braga); ZAWP (Bilbau); Art Space O (Seul); Motorenhalle, Ex14 e Oktogon (Dresden); entre outros.

Born in Busan, Korea. Lives and works since 2017 in Porto. She holds a Diploma in Fine Arts from HfBK Dresden and a BFA in Industrial Design from Hongik Univ. in Seoul. Her practice is transdisciplinary and encompasses various media, including drawing as the core, installation, video and performance. The works of Jiôn Kiim appears to inhabit the interstice between language and the ineffable, image and the “irrepresentable” that defines the space of the artistic gesture and its form. In 2017-2018, she collaborated with scopio Editions and developed a photographic research in the projects Terrain Vague; post-Fordist society (ongoing) and Fendas Intemporais. Her work is featured in Porto Municipality’s Art Collection and has appeared in venues and publications such as On The Surface: photography conference | MAAT (Lisbon), Ci.CLO Bienal 19, Anuário '20 | Galeria Municipal do Porto/ aSede, Galeria Dentro, Galeria de Clube de Desenho and O Instituto (Porto), Revista Dose #6, Memory Center (Vila do Conde), Salon Sophie Charlotte (Berlin), GnRation (Braga), ZAWP (Bilbao), Art Space O(Seoul), Motorenhalle, Ex14 and Oktogon (Dresden), among others.

In 2020 I took a notebook and I started writing a journal. Instead of writing words, I wrote with forms and colors – through drawing. Words could translate certain dimensions of my experience, but experience goes beyond what we know through our (language-based) consciousness. These drawings are expressions of a state that was not accurately represented in language. To bring the unknown to the surface. Here, the drawings are resistant to analytic reading.

These pictorial surfaces are not painted to represent, or stand for, a particular event or feeling. They are not mimetic. To draw the unknown that is in my mind and body. Not to reveal our emotions or thoughts, but to record the movements in the background of our sensitivity. It is a constant process to reach the point where our mind doesn't move at all, when the vast consciousness begins to become clear. When language turns silent in our mind, we can hear all the quiet sounds. My process of drawing does not arise from a conscious effort of attention, but from the voluntary surrender to the flow of the mind and the object.

The lines and shapes sometimes form sentences, singularly or together, and come as sounds that have their own existence. Free from a definite order of reading. Drawing is a writing that involves the freedom of time and space. We don't know where it begins and where it ends. Where are the commas and the other punctuation? By being open to stay in uncertainty, we don't aim at grasping a certain meaning. We encounter the state of the mind translated into concrete characteristics: color, intensity, tone, rhythm and void.

A possible way to avoid misunderstandings is to reveal the imprecise space between words. While words invite immediate interpretation and mediated feeling, drawings offer their presence to be received. The completeness and incompleteness of the writing is replaced by the incompleteness and completeness of the drawing.

I think it is the most abstract and natural writing to me. The process of drawing does not arise from anticipation: it is not aiming at the results, but it is a continuous practice of being in the moment. These drawings can be read as atmospheric writing: they are perceived, they are felt, but interpretation is incomplete. This journal can 'share the sensible' while keeping its (my) privacy.

Maybe what I try is *Writing degree Zero*.

Keywords: drawing; diary; visual reminiscences; memory; atmosphere

Em 2020, peguei num caderno e comecei a escrever um diário. Em vez de escrever palavras, escrevi formas e cores – através do desenho. As palavras poderiam traduzir algumas dimensões da minha experiência, mas a experiência vai além do que conhecemos através da nossa consciência (que é baseada na linguagem). Estes desenhos são expressão de um estado que não poderia ser corretamente representado pela linguagem. Trazer o desconhecido para a superfície. Aqui, os desenhos são resistentes à leitura analítica.

Estas superfícies pictóricas não são pintadas para representar um acontecimento ou sentimento particular. Não são miméticas. Desenhar o desconhecido que se acumulou na minha mente e corpo. Não para revelar emoções ou pensamentos, mas para registrar os movimentos de fundo da nossa sensibilidade. É um processo constante de atingir o ponto em que a nossa mente se imobiliza, quando a vasta consciência começa a tornar-se clara. Quando a linguagem se torna silenciosa na nossa mente, podemos ouvir todos os sons sussurrantes. O meu processo de desenho não emerge de um esforço consciente da atenção, mas de uma rendição voluntária ao fluxo da mente e ao objeto.

As linhas e formas de desenho, individualmente ou em conjunto, formam por vezes frases, e surgem como sons que têm a sua própria existência. Livres de uma ordem de leitura definida. O desenho é uma escrita que envolve a liberdade do tempo e do espaço. Não sabemos onde começa e onde acaba. Onde estão as vírgulas e a restante pontuação? Mantendo-se aberto para ficar na incerteza, não almejamos fixar um significado certo. Encontramos o estado de alma traduzido em características concretas: cor, intensidade, tom, ritmo e vazio.

A forma possível de evitar mal-entendidos é revelar o espaço impreciso entre as palavras. Enquanto as palavras convidam a uma interpretação imediata e ao sentir mediado, os desenhos oferecem a sua presença para ser recebida. A completude e incompletude da escrita é substituída pela incompletude e completude do desenho.

Penso que a escrita é mais abstracta e natural para mim. O processo de desenho não nasce da antecipação: não aponta a resultados, mas é a prática continuada de ser no momento. Estes desenhos podem ser lidos com escritos atmosféricos: são percebidos, são sentidos, mas a interpretação é incompleta. Este diário pode 'partilhar o sensível' enquanto conserva a sua (minha) privacidade.

Talvez eu esteja à procura do "grau zero da escrita".

Palavras-chave: desenho; diário; reminiscências visuais; memória; atmosfera





Handwritten cursive practice line 1, featuring a series of connected loops.

Handwritten cursive practice line 2, featuring a series of connected loops.

Handwritten cursive practice line 3, featuring a series of connected loops.

Handwritten cursive practice line 4, featuring a series of connected loops.

Handwritten cursive practice line 5, left portion, featuring a series of connected loops.

Handwritten cursive practice line 5, right portion, featuring a series of connected loops.



















